

# **O papel social de uma mulher na pesca artesanal cooperativa na Barra do Rio Tramandaí**

The social role of a woman in cooperative artisanal fishing in Barra do Rio Tramandaí.

El papel social de una mujer en la pesca artesanal cooperativa en la Barra del Río  
Tramandaí.

**Camila Barros de Mello**

**Eunice Aita Kindel**

## **Resumo:**

O presente trabalho é um estudo qualitativo que teve como objetivo realizar um estudo de caso com base na coleta de dados através de um relato autobiográfico de histórias de vida de uma pescadora na Barra do Rio Tramandaí. A fim de perceber o seu papel e trabalhar com ela a valorização do seu trabalho e saberes, foi escolhido o relato oral como método, pois este permite a reconstituição das experiências vividas enquanto a história de vida permite a expressão da inserção social vivenciada. Neste caso, a mulher na pesca artesanal trabalha com o peixe, limpando e preparando-o, o que acarreta maior valor ao produto final que é vendido. Por uma questão de desigualdade de gênero e falta de políticas públicas voltadas para a realidade da mulher na pesca, seu papel social se mantém na invisibilidade.

**Palavras-chave:** mulher pescadora; história de vida; pesca artesanal;

## **Abstract:**

The present work is a qualitative study whose objective was to carry out a case study based on data collection through an autobiographical account of the life stories of a fisherwoman at Barra do Rio Tramandaí. In order to perceive her role and to work with the valorization of her capability and knowledge, the oral report was chosen as a method, since it allows the reconstitution of the lived experiences while the life history allows the expression of the social insertion experienced. In this case, the woman in the artisanal fishery works with the fish, cleaning and preparing it, which brings greater value to the final product that is sold. As a matter of gender inequality and lack of public policies focused on the reality of women in fishing, their social role remains invisible.

**Key words:** fisherwoman; life story; artisanal fishery

### **Resumen:**

El presente trabajo es un estudio cualitativo que tuvo como objetivo realizar un estudio de caso basándose en la recopilación de datos mediante un relato autobiográfico de historias de vida de una pescadora en la Barra del Río Tramandaí. A fin de percibir su papel y trabajar con ella la valorización de su trabajo y conocimientos, fue elegido el relato oral como metodología, puesto que permite la reconstitución de las experiencias vividas mientras la historia de vida permite la expresión de la inserción social vivida. En este caso, la mujer en la pesca artesanal trabaja con el pez, limpiándolo y preparándolo, lo que conlleva mayor valor al producto final que es vendido. Debido a una desigualdad de género y falta de políticas públicas dirigidas a la realidad de la mujer en la pesca, su papel social se mantiene en la invisibilidad.

**Palabras clave:** mujer pescadora; historia de vida; pesca artesanal.

### **Introdução**

A Barra do Rio Tramandaí, localizada entre os municípios de Tramandaí e Imbé, Rio Grande do Sul, Brasil (SIMÕES-LOPES et al., 1998), é um ambiente de água salobra, onde o Rio Tramandaí se conecta com o mar. Este é um ambiente extremamente biodiverso e de relevância única, no qual habita uma população de 16 botos (*Tursiops gephyreus*) que se alimentam, se reproduzem, socializam e descansam nesse ambiente (SANTOS, 2016). Na Barra do Rio Tramandaí, botos e pescadores artesanais trabalham conjuntamente na pesca da tainha (*Mugil liza*) (que utiliza a Barra para entrar do mar para as lagoas ou sair das lagoas em direção ao mar) (ILHA, 2016). Esse vínculo é chamado de pesca cooperativa e auxilia em um melhor resultado na pesca para ambos os lados da interação (CAMARGO, 2014). Essa pesca é uma tradição cultural (entre humanos e não-humanos) que tem sido passada por gerações entre os pescadores e também entre os botos, nela os dois lados (botos e pescadores) cooperam e saem beneficiados com essa relação (SIMÕES-LOPES, 1991; PRYOR et al., 1990).

O termo “pesca cooperativa” designa esta interação entre botos e pescadores artesanais de tarrafa (rede de pesca circular com pequenos pesos no em torno). Nessa interação, quando cardumes de tainhas aparecem os botos encurralam o cardume em direção à margem da Barra de Tramandaí, onde a água está em contato com a areia e onde os pescadores se encontram. Os botos fazem isso com um movimento da cabeça, indo até a superfície e batendo a cabeça na água o que possibilita que o pescador identifique que ali tem tainha. O pescador corre até o local onde o boto deu o sinal (a “cabeçada”) e joga a

tarrafa, com isso tainhas se desnorteiam, separando-se do cardume, possibilitando que o boto capture a tainha mais facilmente (SIMÕES-LOPES, 2008).

Entretanto, diversas ameaças de ordem social e econômica estão colocando essa interação única em risco, o crescimento urbano desordenado e a prática de esportes náuticos (como o *jet sky* e *kitesurfe*, que afetam diretamente a presença dos botos na Barra) são exemplos. Além disso, a diminuição da quantidade de pescado disponível, causada pela enorme exploração pesqueira de escala industrial, a desvalorização do pescador pela sociedade e a pouca existência de políticas públicas voltadas para o pescador colocam essa interação em risco de extinção (ILHA, 2016).

O Projeto Botos da Barra (CECLIMAR/IB/UFRGS)<sup>1</sup> é um projeto que trabalha para o fortalecimento dessa pesca, buscando a conservação desta singular interação entre pescadores e botos através de diversas ações, como, por exemplo, o fortalecimento do vínculo com os pescadores artesanais. Os pescadores que estão vinculados ao Projeto têm a pesca como sua única fonte de renda, além disso, a Barra do Rio Tramandaí (e também em Laguna, Santa Catarina) é um dos únicos lugares no mundo onde este tipo de interação ocorre (SIMÕES-LOPES, 2008), o que indica a importância de preservar essa interação cultural e os seus participantes.

O trabalho de Ilha (2016) narra histórias de vida destes pescadores, por meio de relatos orais e de fotografias que contam a singularidade e a beleza desta relação. Entretanto, o papel da mulher, nesta interação, ainda é pouco conhecido. Tomando outras pescas artesanais como base, a existência da mulher no núcleo familiar é um fator que normalmente possibilita que a pesca seja a principal fonte de renda da casa, visto que muitas vezes a limpeza e venda do pescado é feita por ela, assim como a confecção do material usado para pescar (como as redes). Mesmo assim, a própria mulher e os outros sujeitos envolvidos no processo da pesca não costumam reconhecer a importância social da mulher neste contexto. Isso ocorre, pois historicamente a pesca é vista como uma prática exclusivamente masculina, visto que essa depende de atributos (força, agilidade, etc.) considerados masculinos pela sociedade, no meu ponto de vista, machista em que vivemos. E a mulher, por ser vista como não portadora desses atributos, realiza as tarefas domésticas e também trabalha em casa, limpando o pescado, confeccionando os utensílios usados na pesca, preparando o almoço para a família e algumas vezes também realizando a venda do

---

<sup>1</sup> A autora foi bolsista de extensão do Projeto Botos da Barra de maio a dezembro de 2017.

pescado. Entretanto, muitas vezes, essas atividades são vistas como uma “ajuda”, como algo pertencente às tarefas domésticas (que também é interpretada por elas e eles como função da mulher) (FIGUEIREDO, 2014).

Entretanto, observamos como é essencial identificar, reconhecer e valorizar o papel da mulher nesta atividade, visto que histórica e culturalmente a mulher é coberta por uma enorme invisibilidade. Aqui, tratamos especificamente da pesca artesanal, pois normalmente ela participa dessa pesca, porém o seu trabalho é visto como uma extensão das tarefas domésticas (FIGUEIREDO, 2014). Além disso, é importante conhecer e entender a percepção ambiental que elas possuem sobre essa interação.

O trabalho da mulher na pesca artesanal é considerado como “coisa de mulher” (MELO *et al*, 2009), é visto como uma extensão do papel de mãe/esposa/dona de casa, pois este é realizado dentro da residência da mulher (FIGUEIREDO, 2014). Assim, existe uma carência de reconhecimento do trabalho da mulher na pesca artesanal, embora o seu trabalho acrescente valor ao produto final, que é o pescado. A atividade é tida como uma prática masculina, configurando uma invisibilidade do trabalho da mulher na pesca, não existindo um reconhecimento da categoria (FIGUEIREDO, 2014).

Deste modo, percebe-se a importância da valorização da pesca cooperativa e dos seus trabalhadores e trabalhadoras, sendo esta a justificativa para o enfoque deste trabalho: a valorização da mulher na pesca cooperativa. O presente trabalho tem como objetivo realizar um estudo de caso através de um relato autobiográfico sobre a história de vida de uma mulher, sendo ela a protagonista da própria história. Procurei entender a relação das mulheres com essa pesca através de uma história de vida, a fim de perceber o seu papel e trabalhar com ela a valorização do seu trabalho e saberes.

### **Percursos e Métodos**

Este trabalho insere-se na perspectiva da pesquisa qualitativa (BOGDAN E BIKLEN, 1994), e optei pelo método de estudo de caso, seguindo Ludke e André (1986). Esse tipo de pesquisa é interessante e eficiente para este trabalho, pois permite um maior aproveitamento dos relatos e fidelidade com a experiência vivida, sensações e percepções relatadas (PAMPLONA, 2007). O método específico escolhido para o desenvolvimento do presente trabalho é baseada na biografia e história de vida de um indivíduo, essas perspectivas tem a memória como centro da autorreflexão do sujeito entrevistado (MELUCCI, 2005).

Para Pamplona (2007) o meio social tem influência sobre a memória individual, visto que o individual é atravessado pelo social (e o contrário também), assim como as circunstâncias nas quais esta memória foi ativada. O que é lembrado, esquecido e modificado (inconscientemente ou não) está sujeito a essas influências. Assim é possível compreender que mais do que lembrar, a memória é uma ação sobre as lembranças (PAMPLONA, 2007). Nessa ação narrativa o meu papel como observadora não é apenas passivo, embora que assim o seja em muitos momentos, como quem recebe aquilo que lhe é relatado, mas podemos entender que *“a realidade social inclui o observador, é processual e interage com ele”* (MELUCCI, 2001). Assim, é possível compreender que a observação é também uma intervenção (PAMPLONA, 2007). Como observadora o mais essencial não é a neutralidade, mas sim a cooperação empática (MARRE, 1991 *apud* PAMPLONA, 2007, pág 50). Este trabalho busca conceber interpretações das memórias que surgiram ao longo dos relatos e histórias de vida.

A relação entre memória e identidade é correspondente e a importância da ação narrativa se mostra quando entendemos que *“construímos nossa identidade através do processo de contar histórias para nós mesmos ou para outras pessoas no convívio social”*, e que *“compomos nossas reminiscências para dar sentido à nossa vida passada e presente”*. (THOMSON, 1997 *apud* PAMPLONA, 2007, pág. 43).

Durante a ação narrativa o passado, presente e futuro se entrecruzam para a construção da narração e está é essencial na construção da identidade do indivíduo. Através da ação narrativa é possível digerir a realidade vivida, dando a ela um sentido satisfatório (THOMSON, 1997 *apud* PAMPLONA, 2007). Ainda, sobre a construção das memórias, essas estão sujeitas a diversas influências, mas o que as tornam confiáveis e extremamente ricas é o poder de expressão da realidade vivida, representando o que o indivíduo que a invoca sente e pensa. Aqui não se deseja recuperar fatos do passado livre das percepções de quem os viveu, mas sim compreender o que essas memórias relatam (PAMPLONA, 2007).

Um trabalho com histórias de vida, a partir de um relato autobiográfico, abre a possibilidade de reconhecer a singularidade e riqueza de, nesse caso, parte da vida um indivíduo, mas tem potencial para representar tendências comuns a todo um mesmo grupo social (PAMPLONA, 2007). Sobre cada história de vida: *“Ela é um pequeno universo, uma totalização do sistema social, ou seja, uma maneira sintetizada de cada indivíduo*

*apreender o social, narrá-lo e reconstruí-lo*” (MARRE, 1991 *apud* PAMPLONA, 2007, pág 50).

Seguindo Figueiredo (2014), assume-se a perspectiva feminista na elaboração deste trabalho, considerando que na construção da ciência o homem branco e ocidental é visto como o sujeito universal, ciência esta que se diz neutra e imparcial. Ao assumirmos esta perspectiva, procuramos perceber as relações de gênero relacionadas ao trabalho no âmbito familiar, pois historicamente as tarefas domésticas são incumbidas como uma tarefa de mulher.

Era preciso escolher mulheres que tivessem relativa história com a pesca artesanal e que, de certa forma, tivessem um vínculo substancial com o projeto “Botos da Barra”. A primeira, que acabou sendo a única entrevistada, carrega consigo uma história de três décadas de contato com a pesca, história essa que mescla passado, presente e futuro da pesca artesanal. Foi escolhida por esta longa história, pelo vínculo de seu marido pescador com o projeto e porque seu relato autobiográfico permite contar histórias de uma coletividade.

A coleta de histórias de vida/depoimentos se deu em uma entrevista única e individual (pesquisadora-pesquisada), esta foi gravada e após foi transcrita. A gravação tem duração de 1 hora e 26 minutos, entretanto houve uma conversa inicial e outra final que não está presente na gravação, desses momentos, e também dos momentos que foram gravados, foram feitas anotações a mão em um caderno. Foi elaborado um roteiro para a entrevista, na dinâmica pergunta-resposta, caso a conversa não fluísse espontaneamente, entretanto o seu uso não foi necessário. Em um primeiro momento foi entregue a entrevistada o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que protege a sua identidade e formaliza o presente trabalho. O foco da narrativa, neste trabalho, foi autobiográfico, entendendo que, como visto por Ferrarotti (1991): “*o esforço para interpretar a biografia em toda a sua unicidade, se torna o esforço para interpretar o sistema social*”, entretanto o universo singular de um indivíduo (este protagonista o método autobiográfico) não totaliza a sociedade inteira, mas sim a totaliza pelo seu contexto social, pelos grupos a qual pertence.

A entrevistada foi convidada a contar a sua história, e a ela foi possibilitado que desenvolvesse seu próprio caminho narrativo. Da vida da narradora não me interessou apenas os acontecimentos diretamente relacionados aos objetivos específicos da

investigação, por isso a escolha da técnica de histórias de vida. Em poucos momentos a dinâmica do tipo “pergunta-resposta” esteve presente, porém por a entrevista ter se dado em um encontro e a dinâmica de “pergunta-resposta” estar presente, ainda que muito pouco, faz com que este trabalho seja uma mistura de depoimentos (onde a pesquisadora é mais direta, podendo ser realizada em apenas um encontro), com histórias de vida (onde a entrevistada tem maior liberdade e demanda mais tempo) (QUEIROZ, 1988, p. 20 *apud* PAMPLONA, 2007).

Ao longo da entrevista procurei sempre ser empática, dando o direito à palavra para a entrevistada, assim como liberdade na escolha do que relatar. Na análise dos relatos (daquilo que foi escolhido para ser narrado), que foram compilados em categorias, busquei valorizar tudo o que foi narrado, tanto os detalhes como as falas mais amplas. Procurei ser o mais representativa possível, porém sempre preservando a identidade da entrevistada e a confiança depositada em mim.

### **Resultados e Discussão**

Fiz uma opção por contar a entrevista em cenas<sup>2</sup>, cenas essas que são o resultado deste trabalho. Em alguns momentos relativamente informativa, na forma de depoimentos, em outros profundamente autobiográfica, cabe destacar de antemão que um dos resultados mais marcantes foi o vínculo emocional construído neste singular encontro que tivemos. A seguir, apresento cada cena-resultado.

#### *Identificação*

Mulher;  
51 anos;  
Casada há 31 anos;  
Pescadora;  
3 filhos e 1 neta;  
Natural de Torres, mas sempre morou em Tramandaí;

#### Primeiro momento

Chegando na casa dela somos recebidos pelo marido, que é pescador. Ele nos recebe mostrando os peixes que têm no freezer, conta que a sua esposa fez recentemente filé de peixe para vender. O coordenador do Projeto Botos da Barra nos apresenta e explica que eu gostaria de conversar com a sua esposa.

---

<sup>2</sup> A transcrição da entrevista, que aqui aparece em forma de cenas, em algumas partes eu adequiei à norma culta da língua portuguesa.

## Segundo momento

O pescador se dirige até a cozinha, explica para a sua esposa que queremos entrevista-la, consigo escutar ela falando que não quer, ele chega a pedir novamente, mas ela se mantém firme sobre a escolha. Então o coordenador do projeto se aproxima, explica que a entrevista é sobre a pesca e que uma aluna dele (eu) veio para conversar com ela. Nesse momento ela bota parte do corpo para fora da cozinha, estando agora no meu campo de visão.

## Terceiro momento

Nesse momento eu me apresento e explico que a conversa será para o meu trabalho de conclusão de curso, falo que somente eu, ela e minha colega (mulher, amiga e colega do Projeto Botos da Barra, que me acompanhou para observar) estarão presentes durante a conversa, sem homens presentes. Ela, ainda receosa, aceita. Seu marido e o coordenador do Projeto se retiram. Eu me apresento com calma e ela nos convida para sentar no sofá.

O relato escrito não é capaz de dar conta do relato oral, que é muito expressivo, repleto de força e emoção nas palavras e trejeitos, mas faço aqui o meu melhor para representar o que a mim foi dito da melhor maneira possível. Foram selecionados trechos da entrevista e estes foram compilados em 6 categorias: Vida de pescadora; Família; Vida de pescador; História de vida; A Tainha; Pesca cooperativa. A escolha dos trechos se deu visando uma síntese e representatividade do que foi relatado para uma melhor análise.

## Vida de pescadora

*Eu sou pescadora, trabalho com peixe né. Eu sou casada há 31 anos, vai fazer 32, tenho três filhos e tô na pesca a todo esse tempo de casada. Quando eu me casei, meu esposo era pescador e eu comecei a trabalhar com peixe também. Comecei a participar da pesca com ele, comecei a limpar o peixe, a preparar, que foi onde eu me envolvi... Até então eu nem gostava de peixe. E, desde o tempo em que eu me casei, eu trabalho com peixe. Tudo o que eu construí até hoje foi com o peixe, em função do peixe, pescando, limpando, vendendo.*

O reconhecimento social da própria identidade profissional aparece logo no início da entrevista. Ela começou a trabalhar com peixe por casar com um pescador, não gostava de peixe quando se casou e hoje, além de se autodenominar pescadora, reconhece e atribui à pesca suas conquistas ao longo da vida (como casa, comida, estudo dos filhos, saúde, lazer, etc.). Ela conta que eles moram na mesma casa desde que casaram, mas que ela era

bem pequena, eles a construíram do jeito que é hoje graças aos 32 anos de pesca. Pude perceber a importância do peixe na sua vida, assim como o auto reconhecimento e a autovalorização do seu trabalho.

Ser mulher e ser pescadora, no universo masculino da pesca é um desafio, onde ocorre a reprodução do restante da sociedade, onde mulheres muitas vezes não percebem a importância do próprio trabalho seu trabalho (FERREIRA, 2017). Neste estudo de caso isso não ocorreu, a entrevistada reconhece a importância do seu trabalho e crédito isso a dois motivos: ao retorno financeiro direto da limpeza do peixe e ao seu credenciamento na colônia de pescadores, que reconhece ela como pescadora e por isso garante direitos previdenciários e trabalhistas.

*O meu papel na pesca agora é limpar, limpar os peixes e embalar pra vender.*

*Como ele mesmo diz né, pescar é difícil, é muito difícil, mas o mais difícil ainda é limpar né, é preparar o peixe. Se não fosse o meu papel de ajudar ele, no caso né.*

*Mas ah... Eu acho que é importante né, ainda mais a gente que trabalha assim... Ainda mais eu que não posso mais limpar peixe. Como esses dias eu não pude aí eu fiquei lá só olhando ele limpa assim, ah, fiz falta né... Me achei inútil perto dele, que já tava cansado, já pescou o dia inteiro. Daí de tardezinha, à noite, ainda foi lá limpar os peixes. Daí também eu acho assim, ah, eu gosto de participar, de ajudar, de limpar.*

Ela entrega peixe na casa de algumas conhecidas, mas quem sai pra vender é ele. No verão, quando os veranistas estão em Imbé encomendam as tainhas, que eles limpam, preparam e guardam, para entregar no final de semana.

O mito de que a pesca é uma atividade exclusivamente masculina aqui é rompido, através do seu reconhecimento como pescadora, reconhecimento que somente agora tem acontecido com as mulheres pescadoras (PINTO, 2016). Esse reconhecimento, além de ser importante na formação da identidade, permite a luta das mulheres pelos seus direitos previdenciários e trabalhistas como pescadoras. Fica em evidência que o trabalho dela faz com que ela se valorize e que ela sinta que consiga mostrar o seu valor.

O que é ser pescadora (mulher e pescadora) para ela é a lida com o peixe (no âmbito residencial), enquanto a pesca (na barra, no mar) é papel do homem. Nesse estudo de caso aparece à divisão sexual do trabalho e os papéis sociais atribuídos ao homem e a mulher reproduzem as relações de poder e desigualdades histórias socialmente construídas

(MELO et al, 2009). O homem dominando o espaço público e reconhecimento social pela sua profissão, enquanto a mulher pescadora tem suas atividades reconhecidas como extensão do trabalho doméstico por ser realizado dentro da sua residência.

Neste estudo vemos a própria valorização da entrevistada do seu trabalho como pescadora a valorização que ela sente quando trás que o marido reconhece a dificuldade que é o trabalho que ela faz, que é limpar os peixes. Entretanto, mesmo com o reconhecimento, o seu trabalho ainda aparece como uma “ajuda”. Na pesca artesanal a participação das mulheres tem sido efetiva, mas a interferência do gênero (aqui sendo o “*significado social e político atribuído ao sexo de um ser humano*” – Moema Viezzer, 1989) limita a percepção do seu papel social na pesca artesanal. O seu trabalho como pescadora interage com seu papel de mãe, pois enquanto trabalha com o peixe, cuida da casa, dos filhos (MELO et al, 2009).

*Nossa, o que já veio de menina fazer entrevista aqui... Mas só com ele né, eu nunca participei, primeira vez.*

Na pesca a identidade masculina constitui a identidade do grupo (MOTTA-MAUÉS, 1999), o que faz com que mesmo sendo pescadora há três décadas e assim se reconhecendo, a falta de reconhecimento por parte da sociedade é percebida aqui com esse relato. Por mais que ela perceba a importância da pesca na sua vida, a sociedade não o faz. O fato de já terem feito entrevistas com o seu marido, que é pescador, mas nunca com ela, aponta a falta de reconhecimento por uma questão de gênero, ela, por ser mulher e por o seu trabalho ser feito em casa, não é igualmente reconhecida como pescadora.

A proximidade do trabalho produtivo e reprodutivo leva a falta de reconhecimento como pescadora profissional artesanal entre os próprios pescadores e no restante da sociedade, por este se dar na residência e por algumas vezes estar intercalado com os afazeres domésticos e familiares (MELO et al, 2009). Ainda, as explorações do trabalho da mulher e em contra partida, a invisibilidade da mulher nas atividades pesqueiras perante a sociedade contribuem historicamente para o aumento da desigualdade entre homens e mulheres (MELO, 2008)

*É.. Foi muito sofrido, pode ter certeza. Com pescaria, com pescador... Bá, foi muito sofrido. Quando eu conheci ele, que a gente começou a trabalhar com peixe...A gente ficava até uma e meia, duas horas da manhã limpando esses peixinho-rei, pequeninho assim (gesto pequeno com a mão), para no outro dia a gente vender né, foi muito sofrido, mas conseguimos né.*

Além de ser pescadora, a narradora também realiza as tarefas de uma dona de casa, o que implica uma rotina dura trabalhando dia e noite em busca do sustento de sua família, com diversas tarefas, como cuidar dos filhos, limpar a casa e fazer comida. Fica claro quão difícil foi quando começou a trabalhar com pesca, porém, no seu relato pouco aparece as suas funções como dona de casa, que sempre estiveram presentes. Estas aparecem apenas quando eu perguntei diretamente sobre essas tarefas, isso se deve ao fato dessas serem extremamente naturalizadas como papel da mulher no núcleo familiar. Fica em evidência a importância de políticas públicas que considerem as especificidades das pescadoras (não sendo voltadas apenas para questões ligadas à reprodução, mas também a mulher enquanto sujeito), que considerem o ser mulher, ser trabalhadora e ser dona-de-casa (MELO, 2008).

“E com essa função de trabalhar, cuidar dos filhos e da casa, deve dar trabalho, né?”

*Dá trabalho, muito trabalho. Às vezes quando tem bastante peixe pra eu limpar, eu começo cedo, às vezes a gente passa o dia inteiro limpando. Quando tem muito peixe pra limpar, assim, quando dá, que às vezes dá aquela troca de tempo e ele pega bastante, em grande quantidade, aí a gente passa o dia inteiro limpando.*

*No caso é a minha guria que faz o almoço, ela que ajeita as coisas (a mais nova). Eu paro só pra almoçar e continuo de novo, limpando os peixes, preparando né. Aqui se tu vender sujo é pra banca, aí tu vende por um valor pequeno né, o peixe não tem preço, então...*

*É, na banca eles vendem mais caro, mas no caso se tu for vender lá na banca eles vão querer pagar o quilo da tainha uma mixaria. E se tu vender em casa aí tu vai preparar o peixe né, que aí tu limpa e vende preparadinho, e aí a gente vende mais caro.*

A limpeza e preparação do pescado acarretam maior valor ao produto final, visto que os clientes preferem comprar o peixe limpo e para isso pagam mais caro, acarretando um retorno financeiro direto, fruto do trabalho feito pela pescadora na sua residência. As condições de trabalhos precárias apontam novamente a necessidade de políticas públicas voltadas para a pesca artesanal, especificamente levando em consideração a realidade familiar e social das mulheres profissionais da pesca.

*A, eu ia, ia (pra barra), eu gostava muito de ir com ele. Agora que eu parei um pouco... Mas adoro né, quando ele vai lá pra fora eu fico louca pra ir junto com ele.*

Além da profissão, as atividades da pesca também aparecem como uma forma de lazer, como algo que fazem juntos. A barra aparece como o ambiente de trabalho do marido, não o seu. Na barra ela tem prazer em ir, mas o seu ambiente de trabalho é na sua

residência, no âmbito privado, o que contribui para a não visualização da mulher como pescadora pela sociedade.

*A gente tem o sindicato né, a colônia dos pescadores.*

“E nesse sindicato as mulheres fazem parte também?”

*Fazem, fazem. Porque eu no caso assim ó, eu não vou dizer que eu só fiz esse trabalho de pesca que não foi, que daí eu vou mentir sabe.*

*A mulher tem que contribuir né, tem que ser só aquilo ali no caso né. Já faz 14, 15 anos que eu fiz a minha carteirinha. Porque antes, quando eu casei, eu era dependente dele, daí com o tempo eu fiz a minha carteirinha, a minha carteirinha de pescadora né, pra eu ter a minha carteirinha, ter os meus direitos. E daí eu comecei a pagar a colônia pra ter os meus direitos. Ele tem a dele e eu tenho a minha. É autônoma né, que eles dizem...*

O profissional da pesca, apenas com a constituição de 1988 passou a ter direitos e benefícios sobre a previdência social, mesmo esta sendo uma das profissões mais antigas do mundo. A mulher tem conquistado os espaços como pescadora muito recentemente, ainda busca vencer diversos preconceitos associados a ser mulher e ser pescadora. Para que os trabalhadores e trabalhadoras tenham seus direitos previdenciários garantidos é necessário que eles estejam vinculados a uma associação de pescadores (PINTO, 2016).

Ela conta com orgulho à conquista dos seus direitos de maneira independente do marido a 15 anos, reconhecendo a importância disso na sua vida. Ser sócia das colônias/associações de pescadores e assim obter a carteira de pescadora garante o acesso aos programas e projetos de apoio à pesca artesanal, além de ser uma maneira de garantir os direitos previdenciários e trabalhistas.

Por mais que, tradicionalmente, as pescadoras enfrentam barreiras para conseguir se tornar sócias das colônias e associações de pescadores (o que é uma exigência para a regulamentação da profissão), ao longo do relato essas dificuldades não aparecem, o que é importante porque o fato de não ser vista como pescadora pela sociedade, quando enfrentam precárias condições de trabalho, também é uma forma de violência contra a mulher (MELO, 2008).

## Família

*Os meus filhos mais velhos sempre me ajudaram, me ajudaram a limpar.*

*(Aprendi a pescar) com ele (o marido), com ele. O meu gurizinho e minha filha mais velha também sabem. Abre bem a tarrafa, a minha filha mais velha. Mas o meu guri ele ensinou, ele levava junto pra pescar. Só que daí como ele não queria incentivar meu menino na pesca, que ele achava que não era né... Não é mais... Aí quando ele completou 12 anos foi à última pescaria que ele foi com o pai dele, mas o pai dele nunca deu tarrafa pra ele, nunca incentivou ele, porque não queria que ele continuasse nesse ramo, ele acha muito sofrido.*

A pesca, ainda que não seja a profissão dos filhos, se fez presente na vida da família, sendo além da fonte de renda, algo que os filhos aprenderam para que pudessem ajudar a família. Como já visto no trabalho de Ilha (2016), os pescadores não querem que os filhos sigam seus passos, não os incentivam na pesca. Aqui, com o relato dessa pescadora essa situação se confirma. Isso se deve a não valorização dos trabalhadores da pesca, das condições precárias de trabalho e a falta de políticas públicas efetivas voltadas para a pesca artesanal.

## História de vida

*É, não, até vou te falar a verdade, agora tá bem tranquilo porque tô encostada assim sabe. Desde março que eu não ganho benefício, mas eu tava encostada pelo INSS porque eu tô com problema de inflamação nos tendões, na mão, de limpar peixe.*

*“Bá, de tanto limpar... E aí tu parou um pouco de fazer o trabalho ou tu continua?”*

*Não, daí no caso eu parei. Parei um pouco, por um bom tempo. Agora, por exemplo, eu não consigo limpar muito peixe, daí outros peixes que ele pegou ele limpou sozinho porque eu não consegui limpar. É muita dor, eu tenho muita dor, dor nos dedos, nos movimentos.*

*É, faz mais (de um ano, que foi quando o problema começou), fiquei 6 ou 8 meses sofrendo. Dor, dor, dor. Começou assim, eu tinha passado o dia inteiro limpando peixe, daí no outro dia eu fui limpar peixe e quando eu comecei a descamar os peixes, eu senti o pulso aberto, sabe? Estralou e começou a me dar aquela dor. Aí eu fui ao médico. Fiz uns exames né e o médico disse que era porque eu tava com inflamação nos tendões. Aí eu tive que ficar com a mão imobilizada por um tempo, tomar remédio. Fiz fisioterapia, tô fazendo ainda. Agora tô esperando eles marcarem de novo. Eu digo pra ele, às vezes de noite, que tem um bichinho percorrendo assim, por dentro... Tudo de limpar peixe.*

*(remédio e fisioterapia) não adianta nada, não adianta nada. Alivia um pouquinho né. No caso quando tenho muitos peixes pra limpar tenho que tomar remédio antes de limpar e depois, de noite, antes de dormir tenho que tomar de novo. É que os fregueses aqui, ninguém compra sujo. É difícil né, eles querem limpo, aí faço um filezinho pra eles na hora.*

Percebo a importância (financeira, emocional, na formação da sua identidade) do seu trabalho como pescadora na sua vida e na da sua família quando, mesmo com muito dor, ela não para com o seu trabalho. Ela percebe a importância do seu trabalho quando os fregueses querem comprar o peixe que ela limpa, o file feito por ela e não o peixe “sujo”, quando o marido fica sobrecarregado, por ela estar doente e não poder limpar os peixes, ela percebe a falta que faz e assim a importância do seu trabalho.

*Ai, eu queria ter mais saúde e não queria estar com esse problema na mão pra continuar com a minha função de peixe né.*

*Gosto, gosto, gosto mesmo, gosto de limpar peixe.*

Quando eu perguntei sobre algo que ela quisesse me contar sobre a sua vida, essa frase veio e depois, com um sorriso sincero, o amor dela nas palavras “*gosto, gosto, gosto mesmo, gosto de limpar peixe*” transbordou.

A lida com o peixe, na vida dessa mulher, representa quem ela é, a sua identidade, a sua autovalorização, o seu trabalho, suas conquistas, uma forma de lazer, de vivência e aprendizado em família. Mesmo com as dores físicas e dificuldades enfrentadas, ela gostaria de continuar trabalhando.

### **Vida de Pescador**

“O que tu acha dos teus filhos pescarem?”

*Não por nada sabe, tenho maior orgulho de ter casado com ele, com pescador, sou muito feliz de trabalhar com peixe, mas só que assim ó, eu não queria esse futuro pros meus filhos, sabe? Porque hoje tá muito sofrido, muito, muito sofrido. Porque antes sabe, faz 15 anos que meu sogro morreu e antes do meu sogro morrer, tempo antes do meu sogro morrer, meu sogro sempre dizia assim... Meu sogro foi pescador também desde criança, ele criou os filhos né. O meu sogro teve dois filhos pescadores, que é ele e um outro filho dele, pescador. O outro filho dele pegou câncer, do sol, de pescar, só pescava também. Que hoje, o meu marido, se tu pedir pra ele fazer alguma coisa, arrumar essa porta que trancou, ele não sabe fazer nada, só pescaria. Portanto, aqui dentro dos meus balcões, o que tu olhar, é só linha, linha e linha. Agulha de pesca e essas coisa assim sabe? Na minha garagem eu só tenho tarrafa, tarrafa e tarrafa.*

*O meu sogro sempre dizia assim ó: meu filho, tu tem que fazer, tu tem que conquistar alguma coisa agora, porque daqui uns 10 anos a pescaria vai terminar. Como dito e feito mesmo, a pescaria tá bem rala, pode ver. Hoje, pra pegar um peixe é sofrido, é muito sofrido, é muito sofrido. E agora vem com esse negócio que não pode pescar bagre, que não pode pescar isso, que não pode pescar aquilo. Às vezes no verão tá dando camarão, só aquele camarão graúdo. E é proibido e não pode pescar. Então, a pescaria... Naquele tempo atrás não tinha nada disso, tava dando peixe eles iam lá e pescavam, pegavam, vendiam e pronto. Agora não, é muita demo... demo... democracia. Se tu pegar o peixe tem essa tal de piracema né, que quando tá proibido não pode ir lá pescar.*

*É, daí quando ele vai pra fora, pra Mostarda, pra Solidão, daí ele pega papa-terra, pega pampa, peixe rei. Aqui, às vezes, quando tem também ele pega... Ele pega camarão.*

A pesca é uma profissão que é transmitida como uma tradição cultural, que é passada de pais para filhos, dos mais velhos para os mais novos. Entretanto as adversidades, a dificuldade crescente em capturar peixe com o passar do tempo, as condições precárias do trabalho, a falta de políticas públicas e de valorização social da profissão faz com que atualmente ambos não queiram esse futuro para os seus filhos, por mais que ela se orgulhe e expresse amor pelo o que faz fica claro que não identifica a sobrevivência da comunidade pesqueira quando não desejam o mesmo futuro para os seus filhos.

O impacto ambiental causado pela alta exploração pesqueira de escala industrial, pela poluição industrial e doméstica, por exemplo, reflete e afeta diretamente a vida dessas pessoas, que tem no peixe a sua fonte de renda, o alimento e a sua cultura.

### **A Tainha**

*Comemos, comemos (a tainha).*

*Não, não (enjoa). Quando eu limpo muito peixe, naquele dia e no outro dia eu não faço né, mas daí não é todo dia que eu limpo. Ontem de meio dia a gente já tava com vontade de comer peixe, daí eu fiz um filezinho. Aí ontem de noite meu irmão jantou aqui e nós fizemos peixe, empostinha, tainha empostinha, daí é assim né.*

*(sorridente) Eu vou com ele, no tempo mais quentinho, nós vamos, aham, eu vou junto com ele (pescar).*

*“E tu chega a tarrafeiar?”*

*Tudo, eu faço tudo com ele. Aham, eu adoro, adoro, adoro.*

*“Ai, que legal!”*

*No verão assim, quando começa a esquentar mais o tempo, o pessoal vai mais. Agora que não né, agora vou só quando ele vai lá pra fora, quando ele vai de noite às vezes né, vai puxar rede. Daí eu vou junto com ele, adoro ir. Agora que eu parei um pouco né, só pra limpar.*

*O que eu mais gosto de fazer é assim ó, é **tainha assada na brasa**, abertinha assim sabe, abre nas costas, na brasa... **Filezinho no forno**... São as que eu mais gosto. Ou **peixinho no ensopado**, com molho, a gente faz também.*

*Eu tinha muito medo de dar peixe pros meus filhos. Até hoje eu tenho medo de dar peixes com espinho pra eles, porque é perigoso né, pra quem não tá acostumado. Assim como tu tá falando né, que tem medo. De repente tu não gosta muito de peixe porque tu tem medo de espinho, aquele negócio de tá tirando espinho. E esses filezinhos não, esses filezinhos tu faz e tu pode comer certinho que não tem espinho. Com espinho é complicado, quem não gosta de escolher é perigoso, o espinho é perigoso.*

A tainha é o peixe mais presente na fala da narradora, que apareceu na maior parte dos relatos, é o principal pescado e aparece como alimento da família, na cultura na forma de diferentes receitas culinárias, como um saber tradicional que é passado como herança cultural, como uma forma de lazer, de sustento financeiro, de sucesso familiar, como uma forma de ascensão social. A pesca artesanal, que aqui tem como produto principal a tainha, além de contribuir para a produção pesqueira garante o consumo e a renda familiar. (MELO, 2008)

As receitas com a tainha são motivo de orgulho e ela conta ser o segredo da cozinheira, é o “ouro” dela. É grande o valor que é atribuído a essas receitas e aos saberes tradicionais contidos nelas. Além disso, vemos o preparo da tainha para a alimentação da família como mais uma atribuição ao papel dela como mulher e pescadora.

### **Pesca cooperativa**

“E quando tu pesca, tu pesca com o boto?”

*Não, não, não, com o boto não.*

“E tu pesca com tarrafa ou tem algum outro tipo de pesca que tu gosta?”

*É, tarrafa, tarrafa mesmo.*

*Se eu tô lá o meu marido fala “olha lá é a Geraldona”. Daí depois quando eu vou lá outra vez e vejo, que tem a marca no caso. Aí quando eu chego lá “ah, olha lá a Geraldona” daí eu vou saber, mas como eu não vou muito né. É difícil quando eu vou e eles estão lá, eu não soube ainda definir quem é quem. O meu marido que tá lá todo dia não precisa, já olha e já sabe quem é... Não soube definir isso não.*

*Desde que eu conheci ele foi quando eu comecei a ir lá na barra. Chegava lá e eu via ele correndo, corria pra lá e corria pra cá, corria pra lá... Aí eu comecei a prestar atenção né. O boto pulava pra lá e ele ia pra lá, o boto vinha pra cá e ele vinha pra cá. Foi quando eu comecei a entender que onde o boto tá é onde tem peixe, tem a tainha, foi quando eu aprendi. Mas até então eu ia lá pra ver os botos, pra ver os pescadores. Não sabia o que que estava acontecendo, sabia que eles estavam lá pescando, via o boto pulando e achava que estavam brincando.*

*Ah, eu acho muito bonita, muito bonita... Muito bonita essa convivência do pescador com o boto. Devia de preservar mais né.*

No relato a pesca cooperativa aparece como algo que é valorizado, respeitado e admirado, ela assume a luta pela sustentabilidade dessa pesca, entretanto os saberes relacionados à pesca com os botos ela atribui ao trabalho do marido, sendo esse um conhecimento proveniente da experiência e vivência dele. Ela conhece a interação há mais de trinta anos, quando antes de ser uma pescadora apenas frequentava a barra para lazer. Hoje, o seu conhecimento é proveniente das idas à barra com o seu marido, que partilha dos seus saberes com ela, sendo estes, em parte, dela também. Muito dos pescados que ela limpa, em casa, são provenientes da pesca cooperativa na Barra do Rio Tramandaí.

### **Considerações finais**

Através desta pesquisa com base nas histórias de vida de uma única pescadora já foi possível entender que papel social é conferido à mulher na pesca artesanal, especificamente na pesca cooperativa. Sem dúvida que partimos do relato de apenas uma pescadora, será importante ampliarmos este trabalho buscando outros relatos. Entretanto, sua história de vida na pesca carrega o tempo e os significados que procurávamos para este trabalho inicial de resgate da condição de gênero em um contexto representado como masculino. Ela, como pescadora, tem o papel de limpar e preparar os peixes e esse trabalho acarreta maior valor ao produto final que é vendido. Esse papel é essencial para que a pesca seja a principal renda da família, entretanto, por este ser realizado na residência da mulher (e por isso é muitas vezes confundido como tarefas domésticas que também por uma questão de desigualdade de gênero são atribuídas como papel da mulher) e por uma questão de desigualdade de gênero ela vive uma enorme invisibilidade social, não sendo reconhecida e valorizada como pescadora, pois seu trabalho acaba sendo visto como uma “ajuda” ou uma extensão das tarefas domésticas. Entretanto, ela percebe e reconhece a importância do seu trabalho como pescadora, além de valorizá-lo e por ele ter muito apreço, pois este é e foi essencial na formação da sua própria identidade.

O trabalho com o peixe representa aqui além de uma forma de sustento, a união do núcleo familiar, uma herança cultural, uma forma de lazer e também diversos saberes tradicionais. Deste modo, políticas públicas pensadas para a realidade social da mulher pescadora são imprescindíveis, como visto no trabalho de Figueiredo (2014) elucidar o

papel social da mulher na cadeia produtiva da pesca artesanal é essencial para o reconhecimento, visibilidade e a valorização do seu trabalho na pesca.

### Referências Bibliográficas

- Bogdan, Robert C. Biklen, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Editora, 1994. (Ciências da educação)
- Camargo, Yuri Roberto Roxo. **A percepção ambiental dos usuários da Barra do Rio Tramandaí sobre o boto-da-Barra, Tursiops sp. (Cetartiodactyla: Delphinidae)**. 2014, 49p. Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- Ferrarotti, Franco. **Sobre a autonomia do método biográfico**. Sociologia - problemas e práticas. N. 9 P. 172 – 179, 1991.
- Ferreira, Magna Marinho; Parente, Temis Gomes. **Gênero e trabalho das mulheres pescadoras dos reassentamentos rurais no extremo norte do Tocantins**. Revista Desafios –V.03, 2017
- Figueiredo, Mariana Morena A; Prost, Catherine. **O trabalho da mulher na cadeia produtiva da pesca artesanal**. Vol.2, N.1 – 2014. Revista Feminismos UFBA.
- Ilha, Elisa Berlitz; **Pescadores e Botos: Histórias de uma conexão em rede**. 2016, 92f. Trabalho de conclusão de curso, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.
- Ludke, M.; André, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária.; 1986.
- Melo, Maria de Fátima Massena. **Políticas públicas entre pescadoras artesanais: invisibilidade do trabalho produtivo e reprodutivo**. Fazendo Gênero - Corpo, Violência e Poder. 2008.
- Melo, Maria de Fátima Massena; Lima, Daisyvângela E. da S; Stadtler, Hulda Helena Coraciara. **O trabalho das pescadoras mulheres: “coisa de mulher”**. UFC: XX Congresso Brasileiro de Economia Doméstica, 2009.
- Melo, Maria de Fátima Massena; Lima, Daisyvângela E. da S; Stadtler, Hulda Helena Coraciara. **E pescadora e pesca? Reprodução da**

**hierarquia dos gêneros entre pescadoras artesanais.** II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais, 2009.

- Pamplona, Cassiano. **(RE) CONTANDO HISTÓRIAS: o ambiente tematizado a partir dos itinerários de vida.** 2007, 180f. Dissertação (Mestrado em Educação) –Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, 2007.
- Pryor, K.; Lindbergh, J.; Lindbergh, S.; Milano, R. **A dolphin-human fishing cooperative in Brazil.** 1990. Marine Mammal Science, 6(1): 77-82.
- Pinto, Walter. 2016. **O trabalho invisível das mulheres pescadoras.** Jornal da Universidade do Paraná. Nº 130. <http://www.jornalbeiradorio.ufpa.br/novo/index.php/2004/59-edicao-19/659-o-trabalho-invisivel-das-mulheres-pescadoras>. Acesso em 28 de dezembro de 2017.
- Santos, Barbara. **Identificação dos indivíduos da população de golfinhos do gênero *Tursiops* (Gervais 1855) no estuário do Rio Tramandaí, Rio Grande do Sul.** Trabalho de conclusão de curso, Ciências Biológicas com ênfase em Biologia Marinha e Costeira, UFRGS/UERGS. 2016.
- Simões-Lopes, P.C. **Interaction of coastal populations of *Tursiops truncatus* (Cetacea: Delphinidae) with the mullet artisanal fisheries in Southern Brazil.** 1991. Biotemas, 4(2): 83-94.
- Simões-lobes, P.C.; Fabian, M.E.; Menegheti, J.O. **Dolphin interactions with the mullet artisanal fishing on southern Brazil: a qualitative and quantitative approach.** 1998. Revista Brasileira de Zoologia, 15(3): 709-726.
- Simões-Lopes, P.C.; Daura-Jorge, F.G. **Os parceiros da sobrevivência: a interação entre botos e pescadores no Sul do Brasil.** Florianópolis: Insular, 2008, 52p.